

## **A Arquitectura Religiosa de Origem Portuguesa em Macau: Contributos para um necessário estudo diacrónico<sup>1</sup>**

Hugo Daniel da Silva Barreira<sup>2</sup>

Doutorando em História da Arte Portuguesa. Faculdade de Letras-Universidade do Porto

**Resumo:** Este estudo pretende alertar para a existência de importantes lacunas e imprecisões no conhecimento diacrónico da Arquitectura Religiosa de Origem Portuguesa em Macau e, simultaneamente, trazer à luz novos dados que permitam confirmar e aumentar o que dela sabemos. Centrar-nos-emos na Época Moderna, em alguns edifícios, e, recorrendo a fontes gráficas e escritas, procuraremos conhecer a sua evolução. Futuramente, um estudo diacrónico aprofundado permitirá um real entendimento sincrónico e uma valorização de um núcleo classificado como Património Mundial, testemunho de um encontro intercultural, no contexto do Mundo Português e nas suas filiações Portuguesa e Europeia.

**Palavras-Chave:** Arquitectura Religiosa; Macau; Época Moderna

**Abstract:** This study aims to point out the major gaps and imprecision existent in the diachronic knowledge of the Religious Architecture of Portuguese Origin in Macau and, in the same time, to bring forth new data that can confirm and increase the present state of affairs. We will focus in the Modern Era, in some of the buildings, and, through graphic and written sources, we will try to know their evolution. In the future, a deep diachronic study will allow a true and synchronic understanding and the valorization of an ensemble classified as a World Heritage Site, testimony of an intercultural meeting, in the context of its Portuguese and European origins.

**Keywords:** Religious Architecture; Macau; Modern Era

---

<sup>1</sup> A primeira abordagem feita por nós à Arquitectura Religiosa de Origem Portuguesa em Macau decorreu no contexto da Unidade Curricular de História da Arquitectura da Época Moderna, leccionada pelo Mestre Celso Francisco dos Santos e sob a sua orientação. Esse pequeno estudo serviu de base a um projecto desenvolvido no âmbito da Bolsa de Integração na Investigação (BII 2008), atribuída pelo CEPESE, contexto que nos permitiu uma investigação muito mais aprofundada orientada pelo Prof. Doutor Joaquim Jaime Ferreira-Alves. Este estudo resulta do desenvolvimento ulterior dessa investigação para o trabalho de Seminário de Projecto II, da Licenciatura em História da Arte, sob orientação do Prof. Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha e revela um panorama parcial dos resultados obtidos.

<sup>2</sup> Licenciado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011, e mestrando em História da Arte Portuguesa na mesma instituição (hugodsbarreira@vodafone.pt).

## I. Introdução.

Abrir uma janela para a cidade é perspectivar uma ilusão. A cidade afigura-se-nos como um conjunto acabado a cada instante, impassível ao tempo, algo que nasceu daquela forma e assim cairá, se nos atrevemos a pensar que irá cair. A passagem do tempo marca a cidade, mas só um olhar distanciado permite ao observador notar verdadeiramente as diferenças. Essa mesma distância poderá ser temporal (uma reflexão sobre a cidade em que sempre vivemos) ou física (uma ausência prolongada) e afecta, de igual modo, o habitante da cidade ou o seu visitante. Existem, ainda assim, exemplos tão flagrantes que não escapam ao mais incauto dos observadores, Macau é um deles.

Esta perspectiva enganadora alarga-se aos edifícios da própria cidade. Esquecemo-nos que todas as obras são fruto da vontade de alguém, da concepção do seu *riscador* e do labor de uma equipa e que esta tríade está presente para qualquer edifício, independentemente do seu valor artístico e/ou patrimonial. Por outro lado, tendemos a esquecer que estes edifícios, eminentemente cumpridores de uma função, sofrem desgastes, reparações e alterações de diversa ordem. Tudo isto pode parecer óbvio mas uma observação do estado do conhecimento de muito do nosso património permite perceber que tal não é sempre tido em conta.

Para Macau a situação é particularmente grave e quem consulta a informação divulgada sobre este centro histórico, classificado como Património da Humanidade em 2005, depara-se com informações tão indutoras do erro como a simples menção de que a “Igreja de Santo Agostinho” foi fundada em 1591<sup>3</sup>, passando em seguida a uma descrição do edifício sem qualquer menção das inúmeras alterações que este sofreu até adquirir o aspecto actual. O estudo de Pedro Dias<sup>4</sup> constitui um importante avanço na busca de um conhecimento científico deste Património mas, como o próprio autor admite, não pretende esgotar o tema e restam ainda muitas dúvidas a esclarecer, bem como uma série de lacunas importantes na *vida* destes edifícios religiosos (que

---

<sup>3</sup> Em <http://www.macauheritage.net/pt/HeritageInfo/HeritageContent.aspx?t=M&hid=60>, sítio oficial do Património de Macau.

<sup>4</sup> DIAS, Pedro – *A Urbanização e a Arquitectura dos Portugueses em Macau. 1557-1911*. Lisboa: Portugal Telecom, 2005.

constituem uma percentagem muito grande do núcleo classificado). Note-se que a própria documentação enviada à UNESCO no processo de classificação pouco acrescenta ao que se sabia e perpetua uma série de equívocos presentes em estudos anteriores. Estes breves exemplos demonstram como a visão que temos do nosso Património está ainda muito longe de ser satisfatória e, muito menos, completa.

Assim, a preparação do presente artigo foi movida por esta característica do visitante das cidades, primeiro fruidor do produto patrimonial, e que se traduz num acomodar do olhar e da mente para o aceitar de um estado de imutabilidade daquilo que observa, a qual podia ser imediata e eficazmente contrariada com uma divulgação correcta da informação disponível e a qual o “turista informado” cada vez mais demanda. Por outro lado, perante um *estado da arte* que nos levanta tamanhos problemas, pretendemos dar um pequeno contributo inicial, com a divulgação de alguns resultados que auxiliem a construção de um muito mais completo estudo, diacrónico e sincrónico, dos diversos edifícios que constituem a herança portuguesa em Macau.

## II. **A imagem da cidade.**

A transformação urbana que vem ocorrendo em Macau é um fenómeno autofágico de proporções e ritmo alucinantes. Se nos debruçarmos sobre a imagem da cidade, apercebemo-nos de que, pese embora a um ritmo menor, o início das transformações e o perigo da descaracterização não é um fenómeno recente. Manuel da Silva Mendes fala-nos assim da Macau de 1902:

*“Um português que, adormecendo em Lisboa, acordasse por artes mágicas em Hong Kong, poderia não saber bem em que terra se achava, mas com certeza saberia que, em terra portuguesa, não; o mesmo português que acordasse pela altura das Nove Ilhas e, avançando, avistasse do navio a ermida de Nossa Senhora da Guia, depois o Hospital de São Januário, mais adiante a extensa fila de casas da Praia Grande, mais acima as do Chunambeiro e, no alto, a capela de Nossa Senhora da Penha, consigo logo diria: qual é não sei, mas estou vendo uma cidade Portuguesa à beira-mar.*”

*(...) não era tudo tão português como qualquer bairro do Porto, de Braga ou de Coimbra?*

*(...)*

*Hoje já assim, em grande parte, não é. Há trinta anos a esta parte, a cidade, Macau, tem vindo a desportuguesar-se tristemente (...)*

*O que estava, o que tem sido destruído, era caracteristicamente português e caracteristicamente chinês. Tínhamos uma cidade como ninguém tinha no Extremo Oriente, uma cidade digna de ser vista, de ser visitada. Hoje, temos uma cidade a que foi tirado quase todo o seu pitoresco, desnudada de atractivos, incaracterística, informe.”<sup>5</sup>*

Avançando no tempo, a Macau de 1952, das primeiras cenas do filme *Macao* de Josef von Sternberg, é já muito diferente, apesar de conservar na vista do Porto Interior, à chegada do navio que a filma, uma tímida visão da Ermida de Nossa Senhora da Penha<sup>6</sup> por entre o baixo casario. Desta visão interessa-nos também o epíteto dado a Macau, “*The Monte Carlo of the Orient*.”. Acrescentando um período de tempo semelhante ao que separa as descrições anteriores, somos levados a uma nova Macau, “*A Las Vegas Asiática*”, de acordo com o recente documentário homónimo da National Geographic Society e onde, por entre as construções mais recentes da indústria do jogo, vemos imagens do Centro Histórico, pejadas das marcas do passado, entre os quais a arquitectura religiosa de origem portuguesa. Este Centro Histórico constitui o último reduto da cidade antiga, cristalizada por entre a nova Macau do final do século XX e do século XXI, expandida para lá das suas fronteiras naturais, descaracterizada por uma massa de arranha-céus.

Cruzando esta imagem exterior que o visitante tem da cidade com a sua história<sup>7</sup> e a sua evolução urbana<sup>8</sup>, verificamos que a cidade cresceu, de uma

---

<sup>5</sup> TEIXEIRA, Manuel – *Macau através dos séculos*. Macau: Imprensa Nacional, 1977, pp. 68 a 70.

<sup>6</sup> Já na sua renovação mais recente, de feição dita “neo-gótica”, de 1935. Cfr. TEIXEIRA, Manuel - *Paróquia de S. Lourenço*. Macau: Escola Tipográfica do Orfanato de Macau, 1936, p. 14.

<sup>7</sup> Sobre a História de Macau pode ser consultada uma selecção de estudos feita por Rui Manuel Loureiro em *Revista Camões*. Lisboa. 1999, n. 7.

<sup>8</sup> Os estudos são vários. Muitos estão reproduzidos em vários números da Revista de Cultura

maneira geral, de uma forma que podemos designar por “empírica”, por entre restrições e imposições de diversa ordem por parte das autoridades chinesas, ancorada em torno das duas actividades que a alimentaram muito antes da indústria do jogo: o comércio e a religião. Por outro lado, religião e comércio mantinham uma relação entre si, presente não só na, permitida ou não, fatia que a Companhia de Jesus deteve da actividade comercial, nos rendimentos que sabemos terem dado origem a alguns dos edifícios religiosos e na própria administração da cidade e dos seus rendimentos<sup>9</sup>. Não é assim de estranhar um número muito elevado de edifícios religiosos num tão pequeno território e a importância dos mesmos<sup>10</sup>. Como habitualmente, as ordens religiosas procuravam os melhores locais para a implantação dos seus edifícios<sup>11</sup>, e estes núcleos actuavam como autênticos focos geradores, com as áreas de residência dos portugueses a rodearem as igrejas paroquiais e alguns dos

---

do Instituto Cultural de Macau. Entre os mais recentes destacamos: Pedro Dias em DIAS, Pedro – *A Urbanização e a Arquitectura dos Portugueses em Macau. 1557-1911*. Lisboa: Portugal Telecom, 2005, pp. 37 a 83 e AMARO, Ana Maria - *Das cabanas de palha às torres de betão*. Lisboa: S./E., 1998.

<sup>9</sup> A título de exemplo note-se que em 1700 a Junta dos Homens Bons, para saber como distribuir os direitos cobrados a um navio vindo de Manila, pede o parecer dos superiores das ordens religiosas presentes no território, bem como do bispo. Cf. PIRES, Benjamin Videira – *A vida marítima de Macau no século XVIII*. Macau: Instituto Cultural de Macau e Museu Marítimo de Macau, 1993, p. 21.

<sup>10</sup> A importância da religião e das comunidades religiosas em Macau está bem comprovada num grande número de estudos especializados, bem como em estudos dedicados à sua história.

<sup>11</sup> No códice 821 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, intitulado “*Primeira Parte da Crónica, e Relação do principio que teve a congregação da ordem de S. Aug.to nas Índias Orientais, e da terra, e a gloria, q. seus primeiros fundadores naquellas partes contínuos trabalhos ganharão pera Deus Nosso Senhor na conversão das almas*, do Pe. Fr. Felyx de Iesus Religioso professo da mesma ordem”, é-nos dito que após a construção do primeiro edifício do convento de Santo Agostinho, fora da cidade, se procedeu a uma mudança de local, de forma a que a comunidade se pudesse expandir e sustentar: “... e vendo os ps. Não era possível estarem ali, a sua Cp estarem longe da cidade e entre gente pobre, e de pouca importância q os não podia remediar alem de ser isto doentio determinarao de mudar (ilegível); e como Deos favoreceusse (?) destes inttentos vedo q o destes servos de Deos era serviço bem, os alumiu neste particular porq (ilegível) hum outeiro q fica no meio da cidade, o qual posto q parecia áspero de ha//bitar (ilegível) por ser pedregoso sadio o (rasurado) melhor, mais sadio e perto de toda a cidade nem se poderia mais desejar aqui fundarao hu fermoso convento de nossa Sra. da Graça e nlle se faz mto. Serviço a nosso S. confessando e pregando...” (Fl. 19). Não encontramos transcrição alguma desta fonte e é apenas mencionada num estudo de Ivo Carneiro de Sousa, podemos datá-la de 1606, o que lhe confere uma proximidade muito maior do que a maioria de outras crónicas. Ainda assim, apresenta discrepâncias na data de fixação da comunidade: “*Se passaram das Philippinas a China no anno de mil quinhentos e noventa dous Religiosos graves e devotos hum chamado frei Diogo de Spinola, e outro Fr Nicolao de Tolentino*” (Fl. 18v) que contraria a tradicional data de 1589 para a passagem para a soberania portuguesa do convento fundado pelos irmãos espanhóis e a de 1591 para a mudança de local, apresentada por outras fontes como Frei Manuel da Ave-Maria, de 1817, e de que falaremos mais à frente.

conventos, como o dos Dominicanos, em frente do qual existia um mercado.

As flutuações da actividade comercial, principal fonte de rendimento da cidade, e as pressões das autoridades chinesas produziram uma série de conjunturas instáveis que se traduziam na estagnação e mesmo regressão do desenvolvimento urbanístico da cidade portuguesa e na degradação dos seus imóveis. Em linhas muito gerais, podemos apontar três períodos conjunturais principais: 1557 a 1640, uma *Idade de Ouro*, com o território em forte expansão; 1640 a 1760, um declínio acentuado; a partir de 1760, uma nova recuperação que no século XIX se traduz numa nova visão do território como uma “colónia”.

Macau actuou como a base mais importante para o encontro das culturas ocidental e extremo-oriental, protagonizado em grande parte pelas missões sediadas na cidade, e foi um dos principais motores e cenários da acção “proto-globalizante” encetada pelo expansionismo português, acção que em Macau ocorreu de forma particular em relação a outros territórios, condicionada por todas as circunstâncias de que temos vindo a falar e condicionante, a níveis talvez ainda não compreendidos, de todo o legado patrimonial de origem portuguesa na China.

### **III. Construir em Macau.**

Num território em que a actividade religiosa constituiu um dos motores do seu desenvolvimento durante vários séculos merece claro relevo, entre a arquitectura de origem portuguesa, o ainda vasto número de edifícios religiosos, sujeitos, tal como no restante império, aos ditames particulares dos seus encomendadores e das funções a que se destinavam mas marcados, como na maioria dos territórios ultramarinos, e como na arquitectura civil e militar de Macau, por um *hibidrismo* (entenda-se, inter-culturalismo). Assim, e como se depreende do estudo de Maria de Lourdes Rodrigues Costa<sup>12</sup>, é a necessidade de adaptação ao terreno, materiais e mão-de-obra local que dita as primeiras necessidades de adaptação de técnicas locais ou a criação de

---

<sup>12</sup> COSTA, Maria de Lourdes Rodrigues – *História da Arquitectura em Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997. Vejam-se a respeito dos materiais as páginas 129 a 133. Referências a esta necessidade de adaptação encontram-se presentes em quase todos os estudos sobre a Arquitectura de Macau.

soluções “híbridas” e originais. Estas características são reconhecidas pela UNESCO como um dos factores que torna o Centro Histórico de Macau Património Mundial<sup>13</sup>.

Sintetizando, e dando como exemplo o caso específico da arquitectura religiosa, podemos dizer que os portugueses (ou os europeus) contribuem com o risco, com a maioria das soluções formais, com algumas soluções estruturais, com grande parte da plástica decorativa e alguns materiais; por outro lado, os chineses contribuem com a mão-de-obra (e todo o domínio e conhecimento de técnicas próprias), com soluções estruturais, com os materiais e com alguma plástica decorativa (ou execução da mesma). A adaptação da arquitectura manifesta-se nas exigências do clima (redução da altura devido aos tufões<sup>14</sup>, necessidade de uma ventilação eficiente o que torna a galeria uma presença habitual nas igrejas macaenses) e, muito especialmente no referido hibridismo, com destaque para a utilização de soluções locais na estrutura das coberturas (à excepção da Capela de Nossa Senhora da Guia<sup>15</sup> e da Igreja do Seminário de São José, todas as outras igrejas apresentavam um telhado suportado por uma estrutura concebida segundo técnicas chinesas), das janelas em lâmina de ostra, da utilização de cal de ostra, da utilização da taipa ou *chunambo* e em algumas soluções completamente originais, como a utilização de pilares de madeira sobre base de pedra para sustentação das estruturas de cobertura<sup>16</sup>, entre outros exemplos.

Como vemos, não é apenas a visão das soluções da plástica decorativa através dos olhos (e mãos) dos artífices locais ou a cor azulada da telha chinesa que dita o aspecto híbrido das igrejas de Macau. É todo um conjunto de factores que determina, proporcionando ou pretendendo, um hibridismo que

---

<sup>13</sup> Encontram-se mencionadas as soluções adaptadas e originais no *Kit Informativo de Macau Património Mundial*, pp. 147 a 150. Disponível em <http://www.macaupatrimonio.net/mwhinfo05/indexP.asp>.

<sup>14</sup> E a isto já aludem visitantes mais antigos como Peter Mundy em 1637. Veja-se: BOXER, Charles Ralph – *Macau na Época da Restauração (Macao Three Hundred Years Ago)*. II Volume. Lisboa: Fundação Oriente 1993.

<sup>15</sup> Inserida numa fortaleza, suspeitamos ter sido concebida por um engenheiro militar, o que poderá explicar a sua abóbada de tijolo.

<sup>16</sup> O exemplo mais conhecido é o da Igreja do Colégio de São Paulo e na descrição que dela faz Peter Mundy, bem como na gravura que Chinnery executa do seu interior arruinado pelo incêndio de 1835 em que são visíveis as bases de pedra. No *Kit* citado anteriormente são referidas as descrições destas técnicas em obras Jesuíticas. Não encontramos esta solução em mais nenhuma igreja de Macau na actualidade, o que não impede a sua utilização antes de renovações posteriores.

nada retira em qualidade a esta arquitectura mas, pelo contrário, lhe confere um imenso valor adicional. Mas não nos podemos esquecer que outras circunstâncias poderiam estar associadas ao resultado final, tais como as limitações impostas à construção de novos edifícios pelas autoridades chinesas, que se estendiam aos edifícios religiosos<sup>17</sup> e cujo impacto real nos parece ainda por determinar. Também não devemos esquecer algumas opiniões ferozmente negativas, e que poderão ter contribuído para posteriores alterações. Delas fica o exemplo de um relato anónimo de 1919:

*“Mas é curioso notar, que tirando S. Paulo, não há em todas estas construções uma única coisa que, sob o ponto de vista estético, mereça cinco minutos de atenção. É tudo uma inestética vulgaridade. (...) o risco [da fachada de São Paulo] peca muito pela mistura de estilos e pela heterogeneidade dos ornamentos.*

*Em Portugal nos séculos XVII e XVIII a arquitectura religiosa não se pode dizer que fosse muito fluorescente (...). S. Domingos tem linhas que não desagradam; as colunas sobrepostas tem (sic) elegância; a simplicidade da frontaria prende um pouco a atenção. Mas veja-se a execução; veja-se o material; bases de granito, fuste e capitais (sic) de tijolo e argamassa!... Dá vontade de mandar tudo abaixo! E, para cúmulo, caído tudo a azul e as portas borradas a verde!”<sup>18</sup>*

#### **IV. Dados sobre alguns edifícios.**

Antes de trazermos à luz alguns dados que se encontram ausentes dos estudos que conhecemos, devemos precisar que não será este o lugar de uma abrangente cobertura da arquitectura religiosa de origem portuguesa em Macau, pelo que nos pouparemos às memórias descritivas e à inventariação de todos os edifícios. Mencionaremos aqueles para os quais a nossa investigação permitiu acrescentar novos dados na busca do seu conhecimento diacrónico e do seu futuro entendimento. Deixamos de parte alguns exemplares notáveis,

---

<sup>17</sup> DIAS – *A Urbanização*, p. 21

<sup>18</sup> TEIXEIRA – *Macau através dos séculos*, pp. 70 a 72.

como o *ex-libris* da região, a igreja do antigo Colégio da Madre de Deus, ou a igreja do Seminário de São José<sup>19</sup>. Procurámos, nesta fase da nossa investigação, conhecer o aspecto dos edifícios antes das renovações do século XIX, apesar de recorrermos a dados referentes a estas renovações para conhecer a extensão das mesmas. As renovações do século XIX deixaram os edifícios sensivelmente como os conhecemos agora, embora já tenhamos tido oportunidade de perceber como mesmo para o século XIX o estado do conhecimento está longe de ser o ideal.

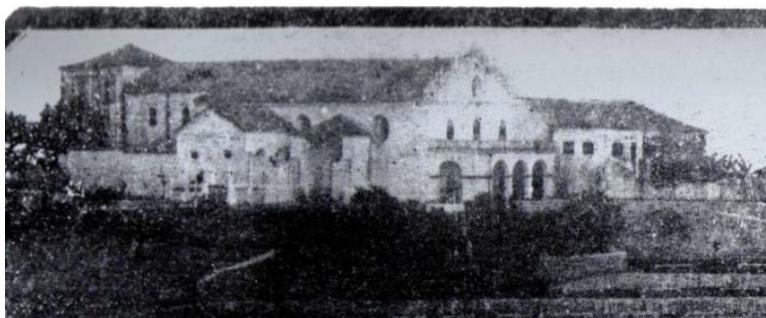


Fig. 1 - Convento de São Francisco fotografado por Jules Itier (1844) (pormenor).

Fonte: COELHO, Rogério Beltrão; JORGE, Cecília – *Álbum Macau. Memória da Cidade*. Macau: Livros do Oriente, 2005.

A Igreja do Mosteiro de São Francisco, fundado em 1579<sup>20</sup>, mereceu um cuidado especial por parte dos artistas e será por ela que iremos começar. A obra do inglês George Chinnery<sup>21</sup> (1774-1852) constituiu a melhor (em quantidade e qualidade) fonte gráfica para o conhecimento de Macau na primeira metade do século XIX. A qualidade descritiva do seu trabalho e a frescura e exactidão do mesmo (especialmente dos seus desenhos) poderá ser atestada (naturalmente com as reservas que este tipo de fonte requer) se compararmos um desenho como o da Sociedade de Geografia de Lisboa<sup>22</sup> com fotografia de 1844<sup>23</sup> da autoria de Jules Itier. A fotografia permite clarificar

---

<sup>19</sup> Se sobre a primeira existem vários estudos, de qualidade variável, e o conhecimento que dela temos é bastante bom quando comparado com os restantes exemplares, o mesmo não podemos dizer da segunda, cujo valor no contexto do Património de Origem Portuguesa no Mundo é, pela sua unicidade, elevadíssimo.

<sup>20</sup> DIAS – *A Urbanização*, p. 153.

<sup>21</sup> Sobre Chinnery vejam-se, entre outros: TEIXEIRA, Manuel – *George Chinnery*. Macau: Imprensa Nacional, 1974; AaVv – *George Chinnery – Macau*. Macau: Senado de Macau, 1985.

<sup>22</sup> Que aparece reproduzido em: DIAS – *A Urbanização*, p. 156.

<sup>23</sup> Esta fotografia não aparece referida em nenhum estudo por nós conhecido.

as peculiaridades da cornija decorada e levemente mistilínea, formada por volutas e adornada por pequenos pináculos. Notem-se os vão ovalados do alçado<sup>24</sup>, bem como as possíveis capelas ou dependências que acompanham a mesma parede. Destaque também para a galeria frontal, um exemplo de galilé muito frequente nas igrejas da Ordem e a única (frontal) na arquitectura religiosa do território. As dúvidas quanto à possível torre traseira, que Pedro Dias já notara, não aparecem muito esclarecidas, mas podemos claramente perceber dois tramos na capela-mor e perceber que possuía igual altura em relação ao corpo principal do edifício. O recurso a algumas fontes impressas coevas permitiu-nos esclarecer algumas das dúvidas que possuíamos. O orago é referido no relato coevo de Frei Paulo da Trindade: “*O convento que temos na cidade de Macau se fundou com título de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula no ano de 1579*”<sup>25</sup>. Através de um excerto deste relato conseguimos datar uma renovação do edifício entre 1611 e 1636<sup>26</sup> (a data do incêndio e a data de conclusão da *Conquista Espiritual*), percebemos que ficara mais rico que o anterior (de que o mesmo autor descreve algumas renovações mas para o qual aponta que “*A igreja se acabou com muita brevidade*”<sup>27</sup>) e conseguimos fazer uma ideia do seu interior no século XVII, com a capela-mor,

---

<sup>24</sup> O desenho dos vãos do edifício é nitidamente diferenciado dos restantes.

<sup>25</sup> TRINDADE, Pe. Frei Paulo da; LOPES, F. Félix, ed. - “*Conquista Espiritual do Oriente. III Parte*”. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, p. 518.

<sup>26</sup> “... relataremos aqui um lastimoso caso que lá sucedeu em o ano de 1611, que foi o incêndio daquele convento, em que se queimou e tornou em cinza tudo quanto nele havia. // E foi o caso que tendo os padres feito um presépio na festa de Natal para mais mover o povo à devoção daquele mistério, sem se saber como, se ateou o fogo nele e foi lavrando de feição que, sem lhe poderem dar remédio por mais que nisso se trabalhou, tomou fogo a capela do presépio e dali a igreja toda e depois a torre onde estava todo o bem do convento, e foi logo ateando nos dormitórios. // (...) Mas é tanta a devoção que os desta terra têm ao nosso Seráfico Padre S. Francisco e a seus filhos que, saindo eles a pedir esmola para ajuda da restauração daquele convento, lhes [deram] em poucos dias seis mil taéis que são doze mil xerafins, e isto com muita vontade oferecendo-se para tudo o mais que fosse necessário. Afora alguns devotos mais particulares, que se quiseram avantajarem em esta tão santa obra, dos quais um que é o síndico, tomou à sua conta a capela-mor para a pôr no mesmo estado e perfeição em que estava, e outro tomou o altar de Jesus, e outro o da Conceição com as imagens da Senhora e São José e todo o paramento do altar e outro tomou à sua conta o retábulo do nosso Padre S. Francisco, e outro depois de mandar trezentas patacas de esmola prometeu mais mil indo o seu navio a Manila, e outro deu quinhentas patacas na primeira viagem que fizesse, e a cidade prometeu de dar dois e mais por cento nas viagens de Japão e Manila. De sorte que hoje [1630-1636] está a igreja e o convento acabado com mais e maior perfeição do que antes estava, o que tudo seja para glória de Deus e louvor do seu servo fiel, o nosso Padre S. Francisco.”. TRINDADE, Pe. Frei Paulo da; LOPES, F. Félix, ed. - “*Conquista Espiritual do Oriente. III Parte*”. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, p. 522.

<sup>27</sup> TRINDADE, Pe. Frei Paulo da; LOPES, F. Félix, ed. - “*Conquista Espiritual do Oriente. III Parte*”. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, p. 522.

do orago, um altar de Jesus, um altar de Nossa Senhora da Conceição<sup>28</sup> e um retábulo de São Francisco. Comparando com a descrição que Pedro Dias consulta na documentação oitocentista<sup>29</sup> notamos algumas diferenças, o que nada nos espanta visto termos indicações da passagem de elementos para a Igreja de São José (quatro colunas torsas). A descoberta da renovação seiscentista do complexo leva a um repensar da cronologia do templo tal como o faz Pedro Dias<sup>30</sup> e é um dado que não conhecera sequer especulação nos estudos consultados. A igreja desapareceu em 1861<sup>31</sup>.

A Igreja do Mosteiro de Santa Clara é pobre em representações mas referia-se um possível autor do risco. Procurámos em fontes impressas coevas e conseguimos encontrar duas indicações que o parecem comprovar. Segundo uma carta de Soror Leonor de São Francisco, primeira abadessa, reproduzida por Fr Jacinto de Deus<sup>32</sup>, o autor teria sido o “*Padre Frey António da Ressureição*”<sup>33</sup>, e mais à frente é referido que haviam chegado em 4 de Novembro de 1633 e se haviam instalado no novo convento em 30 de Abril de 1634<sup>34</sup>, o autor refere ainda que “*O material do novo convento delineou o nosso Irmão Frey Antonio da Ressureiçam (que lhe succedeo por Vigario, e Confessor) dando as regras de Geometria, em que era muy versado, e perito.*”<sup>35</sup>. Ainda na mesma obra, conseguimos saber que o autor era de natural de Goa<sup>36</sup>. O desenho do Arquivo Histórico Ultramarino que Pedro Dias diz

---

<sup>28</sup> Que será aquele que o Bispo Diogo Correa Valente, S. J. visitou ao desembarcar em Macau. Veja-se: TEIXEIRA, Manuel – *Macau e a Sua Diocese. Volume 2*. Macau: Imprensa Nacional, 1940, p. 98.

<sup>29</sup> DIAS, Pedro – *História da Arte Portuguesa no Mundo. O espaço do Índico*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, pp. 156-157.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 157. Note-se que nesta passagem se alude a um portal que julgamos ser o de Santa Clara.

<sup>31</sup> Ficando o nome no Quartel e no Jardim que se ergueram no mesmo local.

<sup>32</sup> DEOS, Fr. Jacinto de - “*Vergel de Plantas, e Flores Da Provincia da Madre de Deos dos Capuchos Reformados*”. Lisboa: [s.n.], 1690, p. 131.

<sup>33</sup> “Ao Muito Reverendo Padre nosso Ministro Provincial da Provincia da Madre de Deus dos Capuchos Frey Antonio da Conceição, em Goa. De Soror Leonor de São Francisco (...) E como pobre nem posso deixar de pedir esmolas a V.P. e he, que queira dar ordem, e disposiçam ao bom governo desta nova fundaçam, para o que me parece será conveniente, nam encontrando as leys, que V.P. continue no officio ao Padre Guardião, e faça nosso Vigario, e Confessor ao Padre Frey António da Ressureição, de cuja virtude, e exemplo estamos muito satisfeitas; e para correr com a obra, pois entende muito de architectura (...) 1 de Janeiro de 1634.”

<sup>34</sup> DEOS, Fr. Jacinto de - “*Vergel de Plantas, e Flores Da Provincia da Madre de Deos dos Capuchos Reformados*”. Lisboa: [s.n.], 1690, pp. 132-33.

<sup>35</sup> DEOS, Fr. Jacinto de - “*Vergel de Plantas, e Flores Da Provincia da Madre de Deos dos Capuchos Reformados*”. Lisboa: [s.n.], 1690, p. 137.

<sup>36</sup> Informações referentes ao Quarto Capítulo Provincial, celebrado em Janeiro de 1634 (p.

representar o portal encontra talvez eco nas representações de Chinnery segundo escreve Cesar Guillen-Nuñez<sup>37</sup> e sobre o qual Pedro Dias nada refere de concreto. Encontramos recentemente uma pintura *China Trade* datada dos anos quarenta do século XIX, de um autor desconhecido, e representando uma raríssima vista tirada de um pátio na Praia Grande. Esta pintura revela-nos uma construção que nunca havíamos encontrado devido ao ângulo utilizado.



Fig. 2 - Vista da Praia Grande (pormenor – “igreja do Convento de Santa Clara” à esquerda), cerca de 1840. Fonte : [http://ocw.mit.edu/ans7870/21f/21f.027/rise\\_fall\\_canton\\_04/cw\\_gal\\_01\\_thumb.html](http://ocw.mit.edu/ans7870/21f/21f.027/rise_fall_canton_04/cw_gal_01_thumb.html).

A julgar pela localização, logo acima do referido portal, poderá ser a única representação conhecida, até à data, da Igreja de Santa Clara. Comparando a representação da Igreja do Convento de São Francisco (à direita do portal) com a fotografia tirada pouco depois por Jules Itier, podemos apreciar um razoável rigor na representação, pelo que estaríamos perante um templo cujo frontão ondulado e plasticamente carregado não seria muito diferente do portal do Convento e relacionar-se-ia com o da Igreja do Convento de Santo Agostinho. A documentação coeva permitiu-nos conhecer ainda as religiosas de Manila e que estas, pelo que já conseguimos apurar, teriam permanecido algum tempo na Ermida da Guia e assistido à missa na capela-mor da Igreja de São Francisco, “*toda cercada de ricos e fermosos biombos onde se meteram*”<sup>38</sup>

A Igreja de Nossa Senhora da Graça (do Convento de Santo Agostinho) remonta, como vimos, ao século XVI. Apesar de a representação de Chinnery mostrar claras diferenças para com o edifício actual e de as renovações (que

---

463). Frei António da Ressurreição continuaria como “Confessor das Freiras de S. Clara de Macao” em 1636 (p. 464).

<sup>37</sup> Cf. *Arts of Asia*. Hong-Kong. 16: 1 (1986), pp. 66 a 70. O autor também refere ter “quebrado o mito” da identificação errada dos desenhos da Igreja de Santo Agostinho, confundida com a Igreja de São Francisco.

<sup>38</sup> TRINDADE, Pe. Frei Paulo da; LOPES, F. Félix, ed. - “*Conquista Espiritual do Oriente. III Parte*”. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, p. 527.

não podem ser de 1814, como se tem escrito, quando confrontadas com as representações) deverem ser ainda do século XIX e perpetuarem uma memória do número e disposição dos vãos da fachada anterior, não podemos considerar o edifício como um exemplo mais simples da arquitectura conventual do território se atentarmos na exuberância do coroamento e da decoração dos vãos. Não sabemos a data da “barroquização” mas podemos induzir que se relacione com o regresso dos religiosos entretanto expulsos no decorrer da Questão dos Ritos<sup>39</sup>. Este regresso teria ocorrido em 1717 ou 1721<sup>40</sup> e temos a notícia de que ocorreram obras no seu interior pois, quando voltou para as mãos da Ordem: “os *retábulos, e as imagens dos altares estavam tão destruídos do rigor do tempo, e da voracidade de huma formiga branca, que há naquela terra, que estavam postos no chão, e em pedaços.*”<sup>41</sup>. Podemos supor que o portal seja ainda o de origem, seiscentista ou setecentista, mas temos dúvidas quanto à restante ornamentação<sup>42</sup>. As representações da igreja antes dos anos 70 do século XIX (inclusivamente as poucas fotografias) levantam a hipótese da existência de uma primitiva torre, igualmente recuada, mas à direita do edifício e que poderá ter sido demolida na sequência do incêndio de 1872 que se abateu sobre a capela-mor e outras dependências<sup>43</sup>. A nova torre, que parece ter sido concluída em 1878<sup>44</sup> encontra-se à esquerda do edifício e é agora um museu. A referência à “torre primitiva”, que aparenta ser muralhada

---

<sup>39</sup> Cf. BRUNT, Michael Hugo – The Church and Former Monastery of St. Augustuine, Macao. *The Journal of the Society of Architectural Historians*. 19: 2 (1960), pp. 69-75, p. 71.

<sup>40</sup> O Pe. Me. Fr. Manuel de Ave-Maria no seu *Manual Eremítico da Congregação da Índia Oriental dos Eremitas de N. P. S. Agostinho* (1817) afirma que o Convento foi novamente entregue aos Agostinhos, tendo partido para lá o Pe. Fr. Christovão da Assumplão em 1717 e só no ano de 1720 teve novamente prior (Pe. Fr. Jerónimo de Santo Agostinho). Cf. REGO, António da Silva – *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1955, Volume XI, p. 162. O Pe. Fr. Manuel da Purificação, nas suas *Memórias da Congregação Agostiniana na Índia Oriental*, refere que só passou novamente para a Ordem em 1721 e que ficara ao abandono e se chegou, inclusive, a pensar fazer ali a Sé. Cf. REGO, António da Silva – *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958, Volume XII, p. 17.

<sup>41</sup> Pe. Fr. Manuel da Purificação nas suas *Memórias da Congregação Agostiniana na Índia Oriental*. Cf. REGO – *Documentação*, Volume XII, p. 17.

<sup>42</sup> Pedro Dias adianta que deverá ser do risco de José Tomás de Aquino (1804-1852), responsável por muitas renovações na cidade, mas não encontramos informação de tal renovação. Se não for ainda parte da original, estamos muito inclinados a afirmar que dela fosse derivada, tal como veremos mais adiante.

<sup>43</sup> Cf. DIAS – *A Urbanização*, p. 164.

<sup>44</sup> *Ibidem*. Note-se que Pedro Dias menciona trabalhos numa torre já a partir de 1867, data posterior a quase todas as representações que conhecemos da igreja com a torre “primitiva”.

como a da Igreja da Misericórdia, apesar de tal ser apenas sustentado pela análise das fontes gráficas, ou a dúvidas sobre a sua existência, nunca foi encontrada por nós na bibliografia. Tal como a igreja dos Dominicanos, este edifício apresenta uma capela-mor muito profunda e mais elevada<sup>45</sup> que o corpo principal da igreja e que não parece resultar, pelo menos neste caso, das renovações posteriores ao incêndio, visto aparecer em representações anteriores a 1872. Frei Manuel de Ave Maria e Frei Manuel da Purificação, ao descreverem o seu interior, deverão ter usado a mesma fonte: “*A igreja tem por orago a Nossa Senhora da Graça, e quatro altares, o mor he do orago, o 2º da Senhora do Bom Sucesso, o 3º de S. Nicolao de Tolentino, o 4º do Descendimento de Christo.*”<sup>46</sup>. Desconhecemos a data da obra de Frei Manuel da Purificação, mas supomos que seja anterior à de Frei Manuel de Ave-Maria. Note-se que La Pérouse refere que “*In 1786 the population was estimated at twenty thousand inhabitants, of whom only a hundred were Portuguese. At Macao, also, an observatory was erected, in an Augustine convent, for astronomical and nautical observations.*”<sup>47</sup>, algo que nunca tinha sido por nós encontrado e para o qual poderia contribuir a boa localização do edifício.

A Igreja do Convento de São Domingos, igualmente de três naves e cujo corpo também se presume ser o do edifício antigo, sofreu menos alterações ao longo dos dois últimos séculos mas encontra-se igualmente envolta em dúvidas quanto às fases de construção. A bibliografia é especialmente contraditória para a origem do edifício actual, Regina Valente defende que terá sido reconstruída em tijolo no século XVII<sup>48</sup> e aponta a data de 1721 para uma intervenção no convento, a maioria dos autores considera esta última data como a origem do aspecto actual da igreja. A documentação levanta algumas hipóteses curiosas. Frei Lucas de Santa Catarina descreve um edifício bem próximo do actual na *Quarta Parte da História de São Domingos*<sup>49</sup>, excepção

---

<sup>45</sup> Michael Hugo-Brunt diz que tal facto deriva do aumento de um edifício primitivo e que tal sucedera também no caso da Igreja de São Domingos.

<sup>46</sup> REGO – *Documentação*, Volume XII, p. 16.

<sup>47</sup> DULKEN, H. W. – *The worlds Explorers or travels and adventurs*. London: Ward, Lock and Tyler, s./d.. Fundo da Biblioteca da Feitoria Inglesa e disponível na Internet.

<sup>48</sup> VALENTE, Regina – *Igrejas de Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1993, p. 20.

<sup>49</sup> Pedro Dias segue também esta descrição. DIAS – *História da Arte Portuguesa no Mundo*, p. 157. “*De Malaca quinhentas legoas, está a Cidade da China, nella tem a Congregação Casa sumptuosa, perfeita, e acabada, o titulo da Senhora do Rosario; Igreja de trez naves, tecto e columnas douradas; Claustro, e Dormitorios, grandes e desafogados. Ha aqui algumas*

feita ao douramento de tecto e colunas, e este seria o estado do mesmo em 1733. Já na *Terceira Parte* publicada em 1678, se refere um “convento de seis até oito Religiosos”<sup>50</sup>, número bem mais reduzido que os vinte religiosos referidos em 1733, o que confirmaria um aumento, pelo menos, do convento. Os autores que referem as modificações setecentistas e a própria fundação do convento não precisam as fontes usadas, pelo que mais não podemos que juntar um dado à especulação, tendo em conta o carácter algo impreciso das datações da descrição de 1678 e ausência de outras referências mais precisas.

As contradições são ainda maiores para a Igreja de São Lourenço. A mais vasta das paroquiais (presumindo que o edifício antigo da Catedral fosse de dimensões semelhantes ao actual) aparece como uma fonte de incógnitas e incorrecções. Pedro Dias refere que a igreja foi reconstruída em taipa em 1618, por outro lado, não entendemos a referência da reconstrução em pedra do edifício em 1801<sup>51</sup> quando confrontada com o que nos diz o filho de José Tomás de Aquino em carta transcrita pelo Padre Manuel Teixeira<sup>52</sup>. Segundo o

---

*Confrarias, administradas com grande devoção, e despezas. No serviço da Igreja muita prata, e entre boas pessas della, a mais celebre, huma alampada de singular feitio, e tão estranha grandeza, que se não pode por, nem tirar da Capella, senao desmanchando-se em pessas miúdas; sustenta esta Casa até vinte Religiosos.”*. Cf. SANTA CATARINA, Fr. Lucas de – “*Quarta Parte da Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*”. [S. l.: s.n.], 1733, pp. 787-88.

<sup>50</sup> “*A mil legoas de Goa na costa da China, na Provincia que chamam de Cantaõ (sic), está situada a Cidade de Macao, em hua piquena Ilha do mesmo nome. Aqui temos Convento de seis até oito Religiosos, que vivem de esmollas, e sem nenhua ordinária Reaal. Foy fundado, não ha muitos annos, por hum Religioso de Habito, que alli veyo das Ilhas Filippinas. Como nestas Ilhas florece a Ordem de S. Domingos com numro de Conventos, & notável observância, succedeo fahir dellas com animo de fazer algum bom serviço a nosso Senhor, & a sua Religião o Padre Presentado Fr. Antonio Arcediano com dous companheiros, Frey Afonso, & Frey Bartholameu. Tomando nesta ilha, pareceolhe posto acomodado para acometer, & combater a muy cerrada Gentilidade da China. E levantou logo hua piquena Ermida, em nome de S. Domingos, acompanhada de pobres aposentinhos. Passados alguns annos, vendo que como o Convento se frequentava, & estimava dos moradores, avisou a o Vigario geral da Índia, mandasse toomar posse della pela Congregaçam: E elle com dezejões de servir denovo á Ordem na sua profissão, que era de muito boas letras, se foy para Goa, onde leo alguns annos Theologia, & depois se embarcou para Espanha sua pátria nas nossas naos: E veyo a acabar em paz no Collegio de S. Domingos de Valladolid, fazendo officio de Leytor de Theologia, & deixando grande fama de virtudes, & doutrina.”*. Cf. CACEGAS, Fr Luís; SOUSA, Fr. Luís de, amp. – “*Terceira Parte da Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*”. Lisboa: [s.n.], 1678, p. 442.

<sup>51</sup> AaVv – *Macau. Memorial City on the Estuary of the River of Pearls*. Macau: Governement of Macao, 1985, Cronologia.

<sup>52</sup> “*A Egreja de S. Lourenço foi reedificada pelo Sr. Alexandrino António de Mello e a direcção das obras pelo Sr. Jozé Thomaz d’Aquino, pessoa esta que tem delineado e superintendido várias obras de edificações e construcções em Macau – que mais adiante vão nomeadas. O dinheiro d’essa subscripção não excedeu a \$7000; foi quanto custaram as obras da referida egreja tendo o tecto todo o soalho novo e a sua capela mor desde a baze; o resto ficou na antiga e rígidas taipa da antiga construcção, que não serão os obreiros de hoje capazes de*

documento, Tomás de Aquino teria alterado a cobertura do edifício na reconstrução de 1844-47 mas, à excepção da capela-mor, teria trabalhado directamente sobre as paredes de taipa originais (que poderiam remontar no mínimo a 1801, mas tendemos a crer que fossem do século XVII ou XVIII pela referência feita); ainda segundo este documento, a cobertura teria um carácter especialmente revolucionário e polémico por não ser suportada por colunas, o que leva a crer que a igreja anterior pudesse ser de três naves e tal fosse comum à maioria das igrejas da cidade.

As representações que conhecemos e as vistas gerais não esclarecem quanto à cronologia e são elas próprias contraditórias. Se sabemos que o edifício actual resultou das modificações que rondaram o ano de 1897 (tal é especialmente notório quando vemos as diferenças da capela-mor em 1868 para a actual), conhecer em concreto a evolução das modificações para períodos anteriores é ainda impossível. A julgar pelo testemunho do filho de Tomás de Aquino, as modificações não afectaram sobremaneira o corpo da igreja e ela aparece, de forma mais ou menos detalhada, sempre com as duas torres (característica praticamente única nas igrejas de Macau até ao século XIX) e as suas linhas classicizantes. Pedro Dias terá, presumivelmente, conhecido representações mais pormenorizadas e refere as pilastras e molduras anteriores à renovação e o anterior frontão que ostentava um brasão da Casa Real, tais elementos aparecem pouco perceptíveis nas reproduções que conhecemos. Por outro lado, outra dúvida surge pois, ao compararmos duas representações de Chinnery, que era bastante preciso nos seus desenhos, existe uma enorme diferença entre as torres e a cobertura. Dado

---

*produzir, apesar de o Sr. Sauvage dizer, “com argamassa feita de terra com piquena quantidade de cal ordinária”.*

*Pois o modelo em que estava construído o madeiramento do tecto dessa igreja, não era até então conhecido em Macau; de forma que teve o dito Sr. Aquino grandes oposições por parte dos subscriptores e mesmo do Sr. Mello – que protestaram dizendo que não seria possível sustentar o tecto sem os apoios de columnas no corpo da igreja, como até então existiam: - persistindo este senhor e com esmeradas provas; mesmo assim sempre teve de depositar \$4000 do seu, para garantir a solidez da obra e a poder levar ao fim. Estas obras duraram trinta anos, sem que precisassem de reparações até que lhe mexeu em 1877 a direcção das obras públicas, e em seguida em 1881, gastando ambas as vezes boa soma de dinheiro e duraram essas reparações apenas dez annos e presente.te se acha aruinada.*

*Se havia defeitos na construção porque então não se descobriram? Quem nos diz que não foi por má direcção na reconstrução do tecto que as paredes ficaram abolidas?’. Cf. TEIXEIRA, Manuel – *Galeria de Macaenses Ilustres do Século XIX*. Macau: Imprensa Nacional, 1942, p. 635. A defesa resulta dos “ataques” publicados no *Boletim Oficial* pelo director das Obras Públicas, Albino António Sauvage, por altura da reconstrução do edifício em 1898.*

que desconhecemos as datas dos desenhos e, tendo em conta a fotografia de 1868 e as vistas gerais, podemos conjecturar que a representação em que a cobertura parece quase ultrapassar a altura das torres fosse já posterior às intervenções de Tomás de Aquino, isto se atentarmos à cobertura das torres na fotografia, que parece muito diferente da cobertura em terraço presente nas representações posteriores e na actualidade. Na representação com as paredes e cobertura mais baixas, notamos ainda uma capela lateral com frontão clássico que se alterará, depois da presumível renovação, para o telhado simples do outro desenho. Manuel Teixeira<sup>53</sup> refere uma *lápide* com a data de 1618, presente na capela de Nossa Senhora dos Remédios, um dos braços do transepto, esta data, que poderá dizer respeito à igreja ou apenas à capela, talvez tenha contribuído para as datas que encontramos na bibliografia e permite-nos enfatizar a necessidade de colocar em questão a extensão das diversas renovações do edifício.



Fig. 3 - A Igreja de Santo António após o tufão de 1874. Fonte:  
[http://www.cccm.mctes.pt/bdigital/opac.php?action=show&collection\\_id=6&iid=61&fid=74](http://www.cccm.mctes.pt/bdigital/opac.php?action=show&collection_id=6&iid=61&fid=74).

Unicamente representada em fotografia, a Igreja de Santo António seria obra de um mestre bem informado. A infeliz renovação dos anos 30 do século XX privou-nos de um exemplar único no território. A fotografia do tufão de 1874 e que até agora permaneceu ignorada dos estudos<sup>54</sup> empurra a data deste

<sup>53</sup> TEIXEIRA - *Paróquia de S. Lourenço*, pp. 3-4.

<sup>54</sup> Aparece reproduzida unicamente no *Kit* referido de Património da Humanidade mas carece de qualquer tipo de identificação.

exemplar para 1809 ou até para 1638 (ou 1608). Até agora não dispomos de dados que nos permitam conhecer a extensão das renovações mas, a julgar por uma placa existente no local, a igreja teria sido reconstruída em 1810, mas tal referência não é suportada pela bibliografia. Estamos, mais uma vez, no terreno das dúvidas e pouco conseguimos avançar. Numa fotografia do final do século XIX vemos que a torre, semelhante à das igrejas mais pequenas do território, era apenas rebocada, tal dado leva-nos a colocar a hipótese de a fachada ser do século XVII, presumindo-se que uma renovação no século XIX tivesse um carácter mais abrangente, ainda assim, a data muito precoce de 1809-10 deixa muitas reservas. O interior actualmente apresenta uma só nave e, dadas as dimensões mais modestas do edifício, não nos surpreenderia que assim fosse originalmente, mas não são mais que suposições. Pelas proporções dos elementos da fachada, parece-nos ser do século XVII e, independentemente da sua data, a atenção dada à gramática clássica por parte do seu autor tornava-a um exemplar particularmente erudito no panorama do território, o que poderia advir da importância que o seu orago tinha na comunidade.



Fig. 4 - Title not known from *Album of Sketches, Including Views in India, Hong Kong and Macao (T08777-T08810)* by George Chinnery. Poderá ser a antiga Catedral de Macau? (s/d). Fonte: <http://www.tate.org.uk/servlet/ViewWork?cgroupid=999999961&workid=24370&searchid=12653>.

A descoberta no sítio da Tate Gallery do desenho não identificado de Chinnery trouxe uma nova hipótese que, tal como a maioria das que fomos levantando, carece de provas documentais e tem o valor unicamente de uma conjectura. Representa uma grande igreja católica num ambiente semelhante

aos que Chinnery desenha em Macau. O cruzeiro é muito semelhante ao que se encontra actualmente no largo da Sé e as figuras presentes no desenho são representadas com a trança características dos chineses da Dinastia Qing. A informação disponível sobre o desenho refere a possibilidade de se tratar de uma vista tirada em Macau e os elementos referidos parecem comprovar isso mesmo. Sendo uma vista de Macau e, dado que a igreja é bastante diferente das que conhecemos<sup>55</sup> (e que Chinnery representa), somos levados a crer que estamos perante a única representação que conhecemos da antiga Catedral de Macau, antes das demolições do século XIX e da reconstrução sob a direcção de Tomás de Aquino em 1844-1850. Os dados apontam uma possível “petrificação” no século XVII<sup>56</sup> e algumas renovações e reparações no século XVIII. Um dos dados que conhecemos refere que a igreja estava com a fachada voltada para Oriente<sup>57</sup> pois o novo templo foi erguido com a fachada voltada sensivelmente a Norte para não tapar o Paço Episcopal. O outro dado, que Pedro Dias refere com base em documentação, aponta para danos na torre, o que permitir levantar a hipótese de que só possuísse uma torre até à construção do novo edifício. A ser realmente a primitiva Catedral, esta seria um vasto edifício com uma fachada em que a marcada pelo ritmo ditado por pilastras toscanas em dois níveis sobrepostos, como em São Domingos e São Paulo (com colunas e mais níveis), mas com um entablamento de cornija mistilínea próximo de São Francisco. Não pondo de parte a hipótese de a representação estar incompleta, o único vão de iluminação da fachada fora rasgado no segundo nível, no eixo de entrada. As pilastras do primeiro nível assentavam sobre plintos e as do segundo nível sobre uma fina cornija, terminando no que parecem ser urnas.

## V. Algumas considerações sobre a plástica decorativa

Como tivemos oportunidade de constatar, o *corpus* de edifícios analisados foi submetido a diversas transformações desde a sua primitiva

---

<sup>55</sup> E parece grande demais para ser alguma das igrejas ou capelas não representadas.

<sup>56</sup> A data de 1622-23 que Regina Valente e que Manuel Teixeira (*Macau no século XVII*) apontam é muito próxima da data referida para o início da Sede Vacante (c. 1623-1690) que seria conotada com a ruína material e espiritual da diocese e da sua igreja (*Macau e a sua Diocese*).

<sup>57</sup> Regina Valente e Pedro Dias referem-no mas não apontam a fonte.

edificação pelo que se pode dizer que, de uma maneira geral, a igreja que se encontra menos alterada desde a sua concepção original será a do antigo Colégio da Madre de Deus, consumida por um incêndio em 1835 e da qual só resta a fachada. Conhecemos a existência de um considerável acervo de representações das quais se destacam, pela sua fidelidade e detalhe, as obras de George Chinnery.

Vamos atentar um pouco na ornamentação dos edifícios antes das principais renovações ou substituições do século XIX. No caso da Igreja de Nossa Senhora da Esperança (São Lázaro), a bibliografia afirma que terá sido construída no século XVI, muito alterada ou reconstruída em 1638<sup>58</sup>, novamente alterada em 1767<sup>59</sup> e totalmente reconstruída em 1885 (numa forma próxima da actual) para voltar a sofrer novas alterações. Chinnery fixa o seu aspecto num desenho datado de 1832 e podemos observar um pequeno templo com a sua torre sineira, à esquerda do observador, alinhada com a fachada. Chamamos a atenção para o cruzeiro e para a ornamentação da cornija que Pedro Dias considera de influência chinesa<sup>60</sup>. O desenho não permite a precisão desejada mas, comparando com o desenho de Chinnery da muito semelhante igreja da Misericórdia (igualmente datado de 1832), com um nível de detalhe muito superior, somos levados a considerar que a cornija fosse igualmente ornamentada com apontamentos de volutas (que nos parecem possuir apenas uma curva que parte do elemento inferior) e pequenos pináculos. A igreja privativa da Misericórdia (Nossa Senhora da Visitação) padece, igualmente, das mesmas dúvidas quanto às fases de construção. Sabemos que o Provedor Luís Coelho fez obras no edifício em 1747 mas não sabemos se estas terão enobrecido a igreja<sup>61</sup>, a qual terá existido desde o século XVI (época de criação da instituição) e poderá, como indica a generalidade da bibliografia, ter sido “petrificada” em meados do século XVII. Do seu interior nada sabemos à excepção que “tinha mestre de capela, organista e ‘meninos cantores’, mas estes eram mal pagos” na segunda

---

<sup>58</sup> Possui um cruzeiro com a data de 1637. Cf. VALENTE – *Igrejas de Macau*, p. 44.

<sup>59</sup> “Em 1767 o vigário, Padre Vicente Ferreira, pediu ao Senado dinheiro para recuperar o tecto da igreja e da capela do Santíssimo Sacramento, que ameaçavam ruína.” DIAS - *A Urbanização*, p. 172.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 173.

<sup>61</sup> DIAS – *História da Arte Portuguesa no Mundo*, p. 442. A informação é baseada nos estudos de Manuel Teixeira.

metade do século XVIII<sup>62</sup>. O edifício actual data de 1905 mas há estudos que apontam para que a igreja possa ter sido demolida anteriormente<sup>63</sup>.

O desenho de Chinnery revela-nos uma torre de cariz fortificado e a utilização corrente do reboco nas paredes, uma das marcas da arquitectura do território. O portal é formado por duas pilastras (ou colunas) jónicas (?) sobre plinto, encimadas por um entablamento corrido sobrepujado pelo que parece ser uma janela de sacada (ou talvez um nicho) enquadrada por duas aletas e o que nos parecem ser pináculos sobre plinto no enfiamento da pilastra/coluna. Esta gramática, que se encontraria em concordância com a que ornamenta a cornija, transporta-nos imediatamente para o universo do Mundo Português e para uma filiação “italo-flamenga”. Podemos encontrar exemplos muito semelhantes nas gravuras de Hans Vredeman de Vries, por exemplo na obra *Architectura* (1577), ou de Dietterlin. Este tipo de elementos, volutas e pináculos (com diferente morfologia e remate), aparecem também no Tratado de Sebastiano Serlio, particularmente no seu *Livro Extraordinário* (cuja primeira edição é de 1551) e cuja divulgação em Portugal foi bastante grande, nomeadamente através da gravura avulsa<sup>64</sup>. Nas gravuras XVI e XXX deste Livro podemos ver as aletas que ladeiam um vão e pináculos piramidais rematados por esferas, lembrando as estruturas que encontramos na igreja do antigo Colégio da Madre de Deus, embora aqui as esferas sejam de maiores dimensões e o pináculo lembre mais a forma de um obelisco, apresentando uma menor inclinação das suas faces<sup>65</sup>.

A presença deste “ar de família” na plástica decorativa estende-se a outros edifícios. Vimos já um entablamento decorado pelo que nos parecem ser tímidas volutas e pináculos na igreja de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula (São Francisco) e podemos observar na muito alterada fachada da igreja de Nossa Senhora da Graça (Santo Agostinho) uma empena coroada por aletas e com dois elaborados pináculos no enfiamento das pilastras dos cunhais, segundo o pormenorizado desenho de Chinnery de 1829.

---

<sup>62</sup> PIRES – *A vida marítima*, p. 55.

<sup>63</sup> Cf. COSTA – *História da Arquitectura*.

<sup>64</sup> Veja-se, por exemplo: SERRÃO, Vítor – *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2002; RUÃO, Carlos – *Arquitectura Maneirista no Noroeste de Portugal. Italianismo e Flamenguismo*. Coimbra: Grupo EDP, 1996.

<sup>65</sup> Cf. COUCEIRO, Gonçalo – *A Igreja de S. Paulo de Macau*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997, pp. 125 a 127.

Confrontando estes pormenores com as vistas gerais e com o que já havíamos referido quanto à plástica decorativa da igreja actual (com as reservas assinaladas) e que nos parece mimetizar a anterior, podemos estabelecer um paralelismo entre os portais desta igreja e da igreja da Misericórdia, com o de Nossa Senhora da Graça formado por dois pares de colunas toscanas que suportam também um entablamento corrido igualmente sobrepujado por janela de sacada ladeada por aletas sobrepostas (muito à maneira de Serlio) e por dois pináculos de forma piramidal sobre plintos e rematados por esferas. O eixo da entrada terminaria, como actualmente, num nicho, embora não existisse cornija a delimitar a empena. Uma solução semelhante, pelas proporções, composição da fachada e alguma da ornamentação, pode ser encontrada na igreja da Misericórdia de Mangualde (datada de 1721, segundo risco de Gaspar Ferreira) e parece ter sido experimentado já por Serlio na Gravura XX (e final) do seu Livro Extraordinário. Das três soluções de coroamento, que delimitam um tímpano “pseudo-triangular”, a partir da tradicional articulação do rectângulo central com os dois corpos inferiores por meio de aletas, a solução da igreja macaense é a mais elaborada<sup>66</sup>.

Até serem conhecidos dados mais precisos sobre as renovações de que estes edifícios foram alvo não podemos fazer mais que notar estes paralelismos e a presença de elementos comuns na plástica decorativa destes edifícios. Outro elemento que parece ter sido comum, como alternativa aos pináculos e volutas que coroavam os entablamentos mais “mistilíneos”, eram as urnas. Encontrámos urnas no enfiamento das pilastras da igreja de Santo António (e que sobreviveram às renovações dos anos trinta) e em aspectos da igreja de São Lourenço anteriores à última renovação do século XIX. Aquela que presumimos ter sido a primitiva Catedral de Macau contava, como vimos, com urnas no enfiamento das pilastras, apesar de apresentar um entablamento levemente mistilíneo, e a igreja menos alterada do território, à excepção das “Ruínas de São Paulo”, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (São Domingos) apresenta ainda as urnas que exhibia no tempo de Chinnery. A comparação da

---

<sup>66</sup> Soluções como as referidas encontram paralelo na arquitectura de origem portuguesa no Brasil. Pedro Dias nota a propósito deste coroamento: “Aqui o coroamento não é direito, mas mistilíneo, com volutas num estilo barroco próximo do que decorava o interior da igreja dos jesuítas, por exemplo, ou dos portais das cercas de São José e de Santa Clara”. DIAS – *A Urbanização*, p. 166.

frontaria do templo, que parece ter sido apenas alterada pelos estuques dos restauros mais próximos da actualidade<sup>67</sup>, com a gravura do “Templo de Ordem Coríntia” do Livro IV de Serlio (primeira edição de 1542) permite tirar algumas conclusões interessantes.



Fig. 5 - “Templo de Ordem Coríntia” do Livro IV de Serlio (edição de Francesco de Franceschi, 1584).

A igreja de Macau reproduz com bastante fidelidade a o ritmo de 2 + 2 + 2 + 2 colunas proposto por Serlio, diminuindo o espaço entre as colunas dos extremos, simplificando os entablamentos e conferindo-lhes maior plasticidade e dinâmica, através da articulação de saliências. O criador do risco de Nossa Senhora do Rosário acrescenta um nível ao edifício mas parte da ordem jónica, como na igreja igualmente mariana do antigo Colégio da Madre de Deus, sobrepondo a ordem coríntia do desenho de Serlio, embora com uma interpretação muito mais livre do que a que encontramos na igreja dos Jesuítas, para o que poderão também contribuir a mão-de-obra local bem como os materiais utilizados<sup>68</sup> e intervenções posteriores.

---

<sup>67</sup> Cf. DIAS – *A Urbanização*, p. 159.

<sup>68</sup> Que, segundo o pouco favorável relato atrás reproduzido, seria tijolo rebocado, com as bases em granito.



Fig. 6 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário (São Domingos) de Macau (na actualidade).  
Fonte: <http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/715690.jpg>.

O próprio medalhão ovalado do terceiro nível<sup>69</sup> recorda o óculo do desenho serliano, o que acontece também com a utilização de urnas<sup>70</sup> no enfiamento das colunas dos extremos (ao contrário dos pináculos da igreja dos Jesuítas) e de plintos sob todas elas. Por outro lado, se o desenho de Serlio parece ter servido, pelo menos a nível das proporções e da articulação de elementos da fachada, como modelo de inúmeras igrejas pela Europa e espaços ultramarinos, e de no território existir, na igreja do antigo Colégio da Madre de Deus, um exemplar (de diferentes proporções) deste “modelo”, Nossa Senhora do Rosário é das poucas igrejas que utiliza duas colunas nos extremos, ao contrário da própria igreja dos Jesuítas de Macau e de outras igrejas, como a da Cartuxa de Évora<sup>71</sup>, que partem de modelos semelhantes<sup>72</sup>.

## VI. Conclusão

Pelo que tivemos oportunidade de explorar, a Época Moderna foi, para Macau, uma época de crescimento, transformação e, por fim, de estagnação. Apesar de uma conjuntura económica por vezes muito difícil, dos entraves das

---

<sup>69</sup> Que já existia, talvez com um aspecto diferente, no tempo de Chinnery.

<sup>70</sup> Que no desenho de Serlio parecem ser fogaréus.

<sup>71</sup> Este desenho já foi apresentado como uma das fontes possíveis desta igreja em SOROMENHO, Miguel – As possíveis fontes tipológicas da fachada da Igreja. *Revista Monumentos*. 10 (1999).

<sup>72</sup> Notem-se ainda as semelhanças entre as proporções e articulação dos corpos da fachada entre Nossa Senhora do Rosário e a muito devastada igreja de São Domingos de Lisboa.

autoridades chinesas e da própria dificuldade em construir e manter modelos “estranhos, em terra estranha”, a *vida* destes edifícios não parou. Procuramos conhecer o seu aspecto nos séculos XVI ao XVIII, antes das renovações oitocentistas que as alteraram progressivamente, para que possamos vir a conseguir entender a sua génese e as suas especificidades. Apesar de termos salientado, sobretudo, os dados novos que conseguimos obter, ou confirmar, podemos tecer já algumas considerações sobre as características deste *corpus* de edifícios.

Ao nível da planta predominariam as três naves nos edifícios de maiores dimensões e a nave única nos menores. Cremos que seriam plantas simples, eminentemente práticas, mas não estamos ainda convictos de que tal se explique unicamente pela necessidade de seguir as técnicas e tradições construtivas endógenas ao território (a capela de Nossa Senhora da Guia possui uma abóbada em tijolo, sustentada por paredes fortemente contrafortadas, e a igreja do Seminário de São José, da primeira metade do século XVIII, apresenta um prospecto extremamente sofisticado que articula quatro abóbadas de berço abatidas com uma cúpula baixa) mas que também poderá ser explicada por uma vontade em aproveitar estas mesmas técnicas<sup>73</sup>. Esta planta tripartida seria levantada em paredes de taipa ou tijolo (na maioria dos casos) e a estrutura da cobertura seria, com as excepções já referidas, de madeira, segundo a eficiente técnica chinesa. Por não possuímos muitos dados sobre a *vida* destes edifícios, mais não podemos que especular o porquê do predomínio desta solução, que não era estranha na metrópole, embora para cronologias um pouco mais recuadas (tendo em conta as renovações, por vezes integrais, do século XVII). Seriam edifícios baixos, devido aos tufões, geralmente com uma torre sineira (excepção feita a São Lourenço) cuja disposição variava: ao nível da fachada em igrejas como São Lázaro, Misericórdia e São Lourenço; ligeiramente recuada em igrejas como Santo António ou o Colégio da Madre de Deus; muito recuada, mas ainda assim lateralmente à fachada, em São Domingos e Santo Agostinho; traseira ou inexistente em São Francisco, Ermida de Nossa Senhora da Penha de França

---

<sup>73</sup> Lembremos que a igreja do antigo Colégio da Madre de Deus possuía os primeiros arcos de pedra do território mas utilizava, para sustentar a sua rica cobertura em madeira ornamentada “à chinesa”, colunas de madeira sobre base pétreas, como um templo chinês.

e na Catedral. As galerias, que fomos referindo, localizadas lateralmente aos edifícios (à excepção de São Francisco) encontram-se quer no Reino, quer no Império, por questões de enquadramento urbano e, muito especialmente, para protecção dos rigores do clima. Em Macau acabarão por se tornar uma marca distintiva da renovação classicizante do século XIX (em consonância com a influência britânica de Hong-Kong) e serão presença habitual também na arquitectura civil. Ao nível da ornamentação encontramos referências que caracterizam as igrejas paroquiais (Santo António, São Lourenço e a Catedral) como mais simples do que as suas congéneres conventuais. Ao termo simples preferimos austero. A ornamentação de São Lourenço e de Santo António assentaria nas suas pilastras encimadas por urnas e demonstrava, pelo menos em Santo António, uma curiosa erudição para o território (atente-se na correcta utilização do ritmo de métopas e triglifos no friso da primitiva igreja), sendo os templos coroados por frontões clássicos. A presumível Catedral partilhava dos mesmos elementos mas apresentava uma cornija formada por tímidas volutas que lhe davam um carácter mistilíneo, mas tal poder-se-ia dever às renovações do século XVIII, à semelhança do que aconteceu em muitos templos do Reino após o Terramoto de 1755. Em São Domingos e no Colégio da Madre de Deus utilizar-se-ia a solução popularizada por Serlio, embora na igreja dos Jesuítas exista um carácter mais *barroco* de uma crescente complexidade no sentido do eixo central (com o aumento do número de colunas e diminuição do intercolúnio) e os capiteis sejam mais canónicos que os pouco rigorosos (e talvez muito alterados) de São Domingos, onde a utilização de duas colunas nos extremos (e repetição das mesmas com maior intercolúnio junto do eixo central) lhe confere um carácter mais *maneirista*, intencional ou não. Em São Francisco, São Lázaro e na igreja da Misericórdia, a ornamentação das cornijas parece-nos remeter para uma filiação mais flamenga (que também parece existir em alguns elementos da igreja dos Jesuítas) que em Santo Agostinho atinge uma configuração realmente complexa. Nesta última, bem como na igreja da Misericórdia, os portais parecem socorrer-se da mesma gramática e o mesmo se passaria, presumivelmente, no portal de Santa Clara (e a julgar pela pintura, na sua cornija) e no portal do Seminário de São José. Sabemos que houve intervenção em São Lázaro e na igreja da Misericórdia (1767 e 1747,

respectivamente) e podemos supor que daí tivesse resultado o “enobrecimento”, presumimos uma intervenção coincidente com a devolução de Santo Agostinho à Congregação (1717-1721) o que estaria de acordo com a gramática utilizada mas desconhecemos qualquer tipo de intervenção em São Francisco e Santa Clara (que foram reconstruída e construída na primeira metade do século XVII, respectivamente). Podemos supor, por estas datas e pelos elementos utilizados, que esta *actualização* destes edifícios tenha ocorrido no decorrer do século XVIII, com paralelismos no Reino e no Mundo Português. Foi levantada a questão da influência de elementos chineses em São Lázaro mas, à luz do que vimos, somos levados a crer que tal se deva à fidelidade do desenho ou à “criatividade” da ornamentação. Não podemos, ainda assim, deixar de notar que os templos chineses tradicionais (que ainda existem em Macau e que foram sendo renovados, sem grandes alterações, ao longo dos séculos) eram estruturas muito simples e funcionais (uma simplicidade de resultado e não de concepção, perpetuada pela tradição), com soluções estruturais semelhantes às utilizadas em muitas igrejas e com uma ornamentação que se desenvolvia no coroamento, colunas, molduras e painéis relevados, e que noutros territórios, como a Índia, ou mesmo na igreja do Colégio da Madre de Deus em Macau, existiam elementos orientais nas igrejas. Fica a questão da real comunhão de culturas que nos parece ter sido cada vez mais marcante no território.

Uma investigação que tirou partido dos recursos e que procurou um apurar crescente da informação já coligida ou disponível de forma indirecta sobre estes edifícios, permitiu esclarecer algumas dúvidas, conhecer novos aspectos dos mesmos e elaborar alguns caminhos de investigação futura. Será necessário aumentar o conhecimento da *vida* destes edifícios, entender a sua evolução diacrónica, e a do restante património de origem portuguesa, para descortinar um sentido sincrónico deste legado na sua origem, especificidade e generalidade e que permitirá a produção da informação de qualidade que o turista actual procura.

Por fim, cientes de que o primeiro passo para a salvaguarda é o conhecimento, fica a esperança de que esta chamada de atenção e o pequeno contributo subsequente estimulem um cada vez maior conhecimento científico

do Património, desvinculado da perpetuação de erros anteriores e valorizando e enquadrando assim, neste caso na sua filiação Portuguesa e Europeia, uma herança que a Humanidade clama como sua.